

UMA PROLE PARA BAAL (KTU 1.10): ECONOMIA E RELIGIÃO EM UM MITO UGARÍTICO

Samuel Rodrigues Barbosa

(Professor do PPGSD/UFF)



Imagem disponível em <http://www.nomismatike.hpg.ig.com.br/Grecia/baal.html>

RESUMO:

O texto oferece, pela primeira vez em português, a tradução de um texto dos vários “adendos” ao que se convencionou chamar de “ciclo de Baal” (KTU 1.1-1.6), parte de manuscritos ugaríticos encontrados em 1929. Propomos ainda uma estrutura do texto acompanhado de breves notas para auxiliar a leitura.

ABSTRACT:

The text offers, for the first time in Portuguese, the translation of a text from several “addends” to what has been called “Baal’s cycle” (KTU 1.1-1.6), part of ugaritics manuscripts found in 1929. We still propose a text structure accompanied of brief marks to help the reading.

INTRODUÇÃO

Em 1929, em uma cidade costeira da Síria, foi feita uma descoberta arqueológica de grande importância para os estudiosos das culturas do oriente antigo (em especial para os estudiosos do corredor siro-palestinese), além de interessar aos mitólogos em geral. Trata-se da descoberta de uma significativa quantidade de material em uma escrita então desconhecida e logo decifrada, o ugarítico – uma língua semítica, anterior ao hebraico. Este nome foi dado porque ficamos sabendo que o local da descoberta era Ugarit, nome de uma importante cidade-estado da época do bronze, já conhecida pelos estudiosos por outros documentos antigos (como as cartas de Amarna). Após a destruição da cidade e sua civilização no final da época do bronze (ca. 1200 A.C.), o ugarítico e sua literatura desapareceram. O material escavado lança luz sobre a história religiosa e a história econômica, além de outros domínios importantes. Por exemplo, encontramos aqui extensos ciclos mitológicos que narram a ação de diversas divindades conhecidas no Antigo Testamento, como Baal/*ba^ulu* e Dagon/*daganu*).¹

Oferecemos, pela primeira vez em português, a tradução de um texto dos vários “adendos” ao que se convencionou chamar de “ciclo de Baal” (KTU 1.1-1.6). Propomos ainda uma estrutura do texto acompanhado de breves notas para auxiliar a leitura. Como o objetivo é realizar a tradução, vai ficar em aberto os vários cruzamentos entre economia e religião que podem ser tematizados a partir desta fonte.

O texto foi preservado em uma tábua com as seguintes dimensões atuais 17 x 14,4 cm; havia sido quebrada na parte superior, além de outros danos na parte inferior esquerda. O texto foi escrito em três colunas em apenas um dos lados da tábua. A coluna I está muito danificada para a tradução. A discussão vai se concentrar nas colunas II e III.

Este texto é conhecido como KTU 1.10. A sigla KTU é a abreviação do título da edição.² Os textos não são compilados pela ordem da escavação, mas segundo uma classificação: o número “1” inicial significa que se trata de textos literários e textos religiosos. O número “2”, por exemplo, classificam as cartas etc. O outro número ordinal corresponde a uma tábua. Cada coluna do texto é indicada com o numeral romano. A parte inicial da tábua, que foi quebrada, pôde ser reconstruída, em parte, para a coluna III, pois, os estudiosos apontam que outra tábua (KTU 1.11) preserva o início desta coluna, mas não a traduzimos devido ao seu estado também bastante precário.

Por motivos editoriais, o ponto subscrito utilizado na transliteração de algumas consoantes foi colocado após a consoante. Não diferenciamos as

vogais longas das breves na vocalização proposta. Outras soluções de transliteração parecerão evidente ao estudioso.

TRADUÇÃO

KTU 1.10 II

¹“Está *ba^ulu* na sua casa,
deus *haddu* no meio do seu palácio?”

E responderam os garotos de *ba^ulu*:
“Não está *ba^ulu* na sua casa,
⁵deus *haddu* no meio do seu palácio.
O seu arco tomou na sua mão
e as suas flechas na sua destra,
então para colocar a face,
para o meio dos juncos de *shamaku*, cheio
[de touros-selvagens”.

¹⁰Levantou a asa a moça *anatu*,
levantou a asa e escapou no voar
para o meio dos juncos de *shamaku*, cheio
[de touros-selvagens.
E levantou os seus olhos, *ba^ulu*, o Vitorioso,
Levantou, sim, os seus olhos e viu:
¹⁵E viu a moça *anatu*, amada entre as irmãs de *ba^ulu*.

Perante a face dela, a adorada, sim, se pôs; Aos pés
dela ajoelhou-se e caiu.

E levantou a sua voz e gritou:

²⁰“Vida, irmã, seja longa!
Os chifres fortes seus, moça *anatu*,
Os chifres fortes seus, *ba^ulu* ungará,
ba^ulu os ungará no voar.
Penetraremos na ‘terra’ dos inimigos meus,
²⁵E no pó dos adversários do teu irmão”.

E levantou os olhos seus, a moça *anatu*,
Levantou, sim, os olhos seus e viu:

E viu a uma vaca e escapou correndo,
escapou correndo, sim, escapou irritada
³⁰com a graça e a beleza dos bandos de
[*kotaratu*.

A voz para *ba^ulu*, *anatu* gritou:
“Veja, *ba^ulu*, o que tenho visto,
deus *haddu*, o que viram meus olhos”.
Olhou *ba^ulu*, o Vitorioso,
³⁵à moça *anatu* contemplou.

KTU 1.10 III

¹”... vacas pariram:
um bezerro para a moça *anatu*,
uma bezerra para a progenitora dos povos”.

E respondeu o Vitorioso *ba^ulu*:
⁵“Por que, como o nosso Criador eterno,
como a família de quem me constituiu rei,
há de marchar *ba^ulu*, cheia sua mão,

o deus *haddu*, cheio seu dedo.
Moça, sim, moça *‘anatu*,
¹⁰E sim, amada das irmãs de *ba’lu*.

Subiu *ba’lu* na montanha,
o filho de *daganu* no terreno de sua possessão,
ba’lu sentou-se ao trono do seu reino,
o filho de *daganu* à cadeira da sua
[autoridade

⁵Pelo bezerro a voz *‘anatu* alçou
Pelo o bezerro a voz lançou a progenitora dos
[povos
Marchou e escapou correndo e irritada,
com a graça, com a beleza dos bandos de
[*kotaratu*.

“Uma vaca, uma vaca tenho visto,
²⁰um touro-corcundo pariu para *ba’lu*,
um touro-selvagem para o calvagador das
[nuvens.
Abraçou a vaca e a seu touro-corcundo,
Abraçou a vaca e a seu touro-selvagem.

²⁴⁻²⁶ [texto muito danificado, de difícil tradução]

O caminho subia na montanha
A costa na montanha da vitória.
E subiu ao monte *‘araru*,
³⁰no *‘araru* e no *s.apanu*,
na delícia, na montanha da vitória.

Voz para *ba’lu* gritou:
“A boa-nova de *‘ilu* recebe, *ba’lu*:
Receba, sim, descendente de *daganu*!
³⁵Atenção! um touro-corcundo para *ba’lu*
[nasceu,
E um touro-selvagem para o cavalgador das
[nuvens”.

Alegrou-se *ba’lu*, o Vitorioso.

ESTRUTURA E BREVES NOTAS

KTU 1.10 II

(A) 1-12 Onde está *ba’lu*?

1-2 Pergunta de *‘anatu*

3-9 Resposta dos garotos de *ba’lu*

10-12 Ao encontro de *ba’lu*

O texto é poético, como seria de se esperar em um texto mitológico. Na poesia ugarítica, é comum a repetição de estrofes, de nomes e de epítetos. Assim, os versos 1-2 (pergunta de *‘anatu*) são repetidos como resposta pelos garotos de *ba’lu* (3-4). Outra característica saliente é o comentário termo a termo que uma frase faz à anterior, uma espécie de paralelismo. Na primeira frase, “*ba’lu*” e a “casa dele” são comentados na frase seguinte como “o deus *haddu*” e “palácio dele”, respectivamente.

Não é evidente onde ocorre a primeira cena: pode ser no palácio/casa do deus, mas pode

ser fora, pois “garoto”, *g’lm* também significa mensageiro (Gordon §19:1969)³ – o cognato em hebraico é *‘lm*, o “garoto” de Jônatas desempenhavam serviço em campo aberto (1Sm 20,21)⁴.

‘anatu procura por *ba’lu*, não sabemos o porquê. Mas já sabemos algumas das características dele: um deus importante, pois possui um palácio – que precisou ser construído –, possui também “serviçais” (“os garotos”); é um deus que maneja “arco” e “flechas”. Os garotos responderam que ele saíra com suas armas para um lugar que é indicado com precisão – “os juncos de *shamaku*, cheio de touros-selvagens” (9). *‘anatu* já sabe onde encontrá-lo.

Ela sai no ar, levantando a “asa”; parece ter pressa, pois “escapa no voar” (11) – o cognato hebraico é *yrh*, com os sentidos de arremessar, atirar (cf. Js 18,6). *‘anatu* é representada pelo epíteto “moça”, *bilt* (9), que se repete em todo o texto, ao lado de outros epítetos importantes, cujo estudo mereceria uma investigação à parte, diante da impossibilidade, seguiremos a leitura, apenas anotando as ocorrências.

(B) 13-35 Em *shamaku*

13-16 *ba’lu* vê *‘anatu*

17-18 *ba’lu* ao encontro de *‘anatu*

19-25 A declaração de *ba’lu*

26-27 *‘anatu* vê uma vaca

28-30 *‘anatu* ao encontro da vaca

31-35 Entreolham-se

ba’lu recebe seu primeiro epíteto no verso 13, “o Vitorioso”. Ele é o sujeito que inicia a segunda cena. Sua primeira ação é ver a chegada da deusa que voa ao seu encontro. A visão antecede a todas as demais ações – isto vale tanto para o deus como para a deusa, os versos 13 e 14 se repetem nos versos 26 e 27. *ba’lu* vê *‘anatu*. Ela é chamada de “amada entre as irmãs de *ba’lu*” (16), no verso 20, é chamada de “irmã”. O sistema de divindades em Ugarit é predominantemente representado pelo modelo de uma família – mas não temos nos ciclos nada comparável a uma teogonia; o problema não é de gênese das divindades, mas da relação entre as divindades.⁵

Depois da visão, o encontro. Primeiramente ele se põe em pé, *wyqm*, depois se ajoelhou, *ykr^c*, e, por fim, caiu, *yql*. A seqüência de ações ganha melhor enquadramento caso lembremos que *ba’lu* é um touro.

Após a visão e o encontro (com os movimentos crescentes), *ba’lu* usa a voz (pela primeira vez nas duas cenas) e “grita” uma saudação: “Vida, irmã, seja longa!”. Esta saudação é um resumo da declaração que se segue, ambos formam o centro da cena e, se vejo corretamente, de todo o mito. Trata-se de uma saudação à fertilidade. Vejamos

alguns argumentos que vêm a lume já nos versos seguintes.

A declaração divide-se em duas partes.

(i) nos versos 21-23, *ba^clu* propõe “ungir” os “chifres fortes” de *anatu*. A unção é uma preparação (um pressuposto) para o combate. Não deve ser descartado o sentido erótico da ação.

(ii) nos versos 24-25, o combate será travado na “terra” (*ars.*) que precisa ser “penetrada” (*t.^cn*). Já foi bastante desenvolvido na pesquisa ugarítica que “terra”, não raro, é um eufemismo que significa “mundo inferior”. Vamos ficar aqui com um indicativo a partir do texto: o verbo de movimento “penetrar”. O cognato hebraico é *t.^cn* (Pu), como uma única ocorrência em Is 14,19 (“transpassados à espada”). “Penetrar” parece-nos mais adequado do que “atravessar”, que pode sugerir um movimento sobre a superfície e não através, como é o caso. O deus e a deusa juntos⁶ combaterão contra os “inimigos” e “adversários” de *ba^clu*, chamado aqui de “irmão” de *anatu*. Quem são os “inimigos”? E o quê esta informação ajuda a iluminar esta importante passagem?

Uma boa pista seria apontar, como inimigo, a *motu* – deus que habita o subterrâneo e que etimologicamente significa “morte”, *mt*. Ele seria o signo da esterilidade. Lembramos que, embora *motu* não seja mencionado neste mito (nas linhas que sobraram), trata-se de uma personagem central no ciclo de Baal, antípoda de *ba^clu* e *anatu*. Lembramos, por outro lado, que os habitantes do mundo ctônico (“terra”), não se restringem a *motu*, há várias outras divindades subterrâneas representativas da esterilidade. Mais do que fechar questão sobre qual divindade se trata, consideramos melhor falar no plural “inimigos meus” (adequado à forma *iby*); o fundamental é que está marcado a oposição entre fertilidade e esterilidade.

anatu não responde com fala à saudação, antes vê uma concorrente: uma vaca. A passagem é difícil: o que foi fazer *ba^clu* naquele lugar? Foi buscar amores?

anatu persegue enraivecida a vaca. O verso 30 descreve o modo da ação de *anatu*: “com a graça e a beleza dos bandos de *kotaratu*”. “Bandos” (*h.bl*) é traduzido por Segert⁷ como “bando (de passáros)” – o cognato no hebraico é *h.bl*, no sentido de “grupo” (como em 1Sm 10,10). Já *kotaratu* pode ser traduzido como “passáros” ou como “cantoras” (para os dois sentidos, vide Gordon §19:832) – com o sentido de “cantoras”, há o cognato hebraico (cf. Sl 98,7 – sugerido por Gordon §19:1335).

Expulsa a concorrente, *anatu* regressa para perto de *ba^clu*. Ambos travam um diálogo pela primeira vez na cena (31-35). O flerte prenuncia o intercuro sexual – que foi “censurado” (a tábua não pode ser lida).

KTU 1.11

(C) 1-6 A fertilidade em ato e em risco

1-2 O ato

3-6 O risco

Em razão do estado do texto, não nos detivemos em detalhes nesta cena, que aliás não traduzimos devido ao estado da tábua. Em linhas gerais, parece ser descrito o ato sexual entre *ba^clu* e *anatu* (versos 1-2), em seguida, se manifesta o descontentamento de *ba^clu* com a prole, um “bezerro”, *alp* (versos 3-6).

KTU 1.10 III

1-3 Apenas bezerro e bezerra

4-10 A frustração de *ba^clu*

11-14 Para a montanha: o recolhimento de *ba^clu*

15-18 A frustração de *anatu*

19-23 A natividade

24-26 ?

27-31 Para a montanha: *anatu* vai a *ba^clu*

32-36 A boa-nova

37 Alegria

O estado do texto fornece dificuldades suplementares à interpretação desta coluna.

Os versos 1-3 falam de vacas que “pariram” (*tlđ*). É perceptível o salto em relação às cenas anteriores: onde se desenrola a cena? Que vacas são estas? Mas há um ponto de ligação com o último fragmento: nascem “bezerro” (*alp*) e “bezerra” (*ypt*). Lá, como aqui, parece que esta prole não é desejada, os versos 4-10 descrevem a frustração de *ba^clu*. Antes de avançar a leitura, uma outra pergunta que precisa ser proposta é por que as vacas “pariram” para “a moça *anatu*”? Será que a deusa ficou encarregada de conseguir um descendente para *ba^clu*, depois que ela não pode fazê-lo?

Sem poder responder a todas estas questões exploratórias importa anotar melhor o novo epíteto para *anatu*, que traduzimos por “progenitora dos povos” (*ybmt limm*). O hebraico lança alguma luz: *ybm* é citado no Piel em Gn 38,8 e Dt 25,5-7. Trata-se do dever legal de suscitar descendentes da viúva do irmão.

Tanto *anatu* (KTU 1.11) quando as vacas pariram apenas “bezerro” e “bezerra”. A frustração de *ba^clu* se desdobra em duas partes: (1) a fala e (2) o seu recolhimento:

(1) os versos 4-10 são de difícil interpretação. Uma hipótese é que *ba^clu* renega esta prole, ao declarar que espera para seus descendentes uma “família” como a do “Criador” (versos 4-8). Em seguida, nos versos 9-10, *ba^clu* parece atribuir para *anatu* a responsabilidade de conseguir outra prole.

(2) *ba^clu* se recolhe em seu palácio, que se localiza na “montanha”. Ele se assenta no “trono do seu reino”/ “cadeira da sua autoridade”. Ele é

chamado de filho de *daganu* – divindade atestada desde Ebla. É um epíteto bastante apropriado depois que ele mencionou a qualidade da descendência do “Criador”, da sua família.

Após o recolhimento de *ba^olu*, toda a cena é ocupada por *anatu*. Ela também parece estar frustrada com o “bezerro” e a “bezerra” (15-18). Mas nos versos 19-23, centrais para o desfecho do mito, de uma “vaca”, uma nova prole nasceu! É “touro-selvagem” (*rum*), chamado também de “touro-corcundo” (*ibr*).

Nos versos 24-26, inicia-se um conjunto de difícil tradução que não conseguimos interpretar. Parece que a deusa *anatu* assume a proteção da nova prole.

anatu segue ao encontro de *ba^olu*, na montanha (27-31). Mas agora, é chamada de “montanha da vitória”, afinal nasceu um touro (*rum/ibr*). A montanha é apresentada com seus topônimos (*araru* e *s.apanu*) e com qualificativos (“delícia”, “vitória”).

Os versos 32-36 são a “boa-nova” anunciada por *anatu*. Primeiro, uma fórmula de endereçamento (33-34), depois o anúncio, introduzido por *k* (35-36).

O mito se encerra (não faltam linhas!) com a reação do deus entronizado: “Alegrou-se *ba^olu*, o Vitorioso”.

CONCLUSÃO

O texto é um mito de fertilidade como tantos outros. O importante foi perceber como esta temática foi construída pelas frases poéticas. Pretendemos, ao tecer os comentários, mostrar o tema a partir das frases e não pressupondo de antemão e fazendo o texto coincidir com a “chave-de-leitura”. Fica em aberto qual o sentido econômico do problema da fertilidade. Destaco ainda a profusão de epítetos – talvez um dos principais recursos da poesia ugarítica. Os epítetos são autênticos *topoi*. Sua utilização não é arbitrária, mas acompanha a estrutura e encadeamento das frases.

Este breve texto diferencia espécies de animais: bezerro, bezerra, touro-selvagem, touro-concurdo. Fornece, pois, um valioso material para a filologia comparada das instituições econômicas da época do bronze. Narra também a preferência por touros. A “posse” deste grupo de animais é justificada por um mito que tem como agentes um importante deus (Baal) e uma deusa guerreira (Anatu). O “querer” de Baal pelos touros é respaldado, por assim dizer, na ação violenta e garantidora de Anatu. Fica em aberto a discussão sobre a quais famílias da sociedade ugarítica importa a “posse” de Baal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Cross, Frank Moore. *Canaanite Myth and Hebrew Epic:*

Essays in the History of the Religion of Israel. Cambridge/London: Harvard University Press, 1997.

Dietrich, Manfred, Oswald Loretz, e Joaquin Sanmartín, eds. *The Cuneiform Alphabetic Texts from Ugarit, Ras Ibn Hani and Other Places.* 2ª edição aumentada. Münster: Ugarit-Verlag, 1995.

Ellinger, K., e W. Rudolph, eds. *Biblia Hebraica Stuttgartensia.* 5ª ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

Gordon, C. H. *Ugaritic Textbook.* Vol. 38: *Analecta Orientalia.* Rome: Editrice Istituto Biblico, 1965-67.

Segert, Stanislav. *A Basic Grammar of the Ugaritic Language with Selected Texts and Glossary.* 4ª edição com revisões. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1997.

Smith, Mark S. *The Origins of Biblical Monotheism: Israel's Polytheistic Background and the Ugaritic Texts.* Oxford: Oxford University Press, 2001a.

———. *Untold Stories: the Bible and Ugaritic Studies in the Twentieth Century.* Peabody: Hendrickson Publishers, 2001b.

Soldt, W. H. van. “Ugarit: a Second-Millennium Kingdom on the Mediterranean Coast”. In *Civilization of the Ancient Near East*, editado por Jack M. Sasson, p.1255-1266. New York: Charles Scribner's Sons, 1995.

NOTAS

1 Sobre Ugarit, consultar: Mark S. Smith, *The Origins of Biblical Monotheism: Israel's Polytheistic Background and the Ugaritic Texts* (Oxford, 2001a), Mark S. Smith, *Untold Stories: the Bible and Ugaritic Studies in the Twentieth Century* (Peabody, 2001b), W. H. van Soldt, “Ugarit: a Second-Millennium Kingdom on the Mediterranean Coast,” in *Civilization of the Ancient Near East*, ed. Jack M. Sasson (New York, 1995). p.1255-1266.

2 Manfred Dietrich, Oswald Loretz, e Joaquin Sanmartín, eds., *The Cuneiform Alphabetic Texts from Ugarit, Ras Ibn Hani and Other Places*, 2ª edição aumentada. (Münster, 1995). Abreviada academicamente como KTU².

3 C. H. Gordon, *Ugaritic Textbook*, vol. 38, *Analecta Orientalia* (Rome, 1965-67).

4 Edição recomendada: K. Ellinger and W. Rudolph, eds., *Biblia Hebraica Stuttgartensia*, 5ª ed. (Stuttgart, 1997).

5 Frank Moore Cross, *Canaanite Myth and Hebrew Epic: Essays in the History of the Religion of Israel* (Cambridge/London, 1997).

6 “Penetremos” é o único verbo na 1ª pessoa comum plural em todo texto que foi conservado.

7 Stanislav Segert, *A Basic Grammar of the Ugaritic Language with Selected Texts and Glossary*, 4ª edição com revisões. (Berkeley, Los Angeles, London, 1997). p.185.